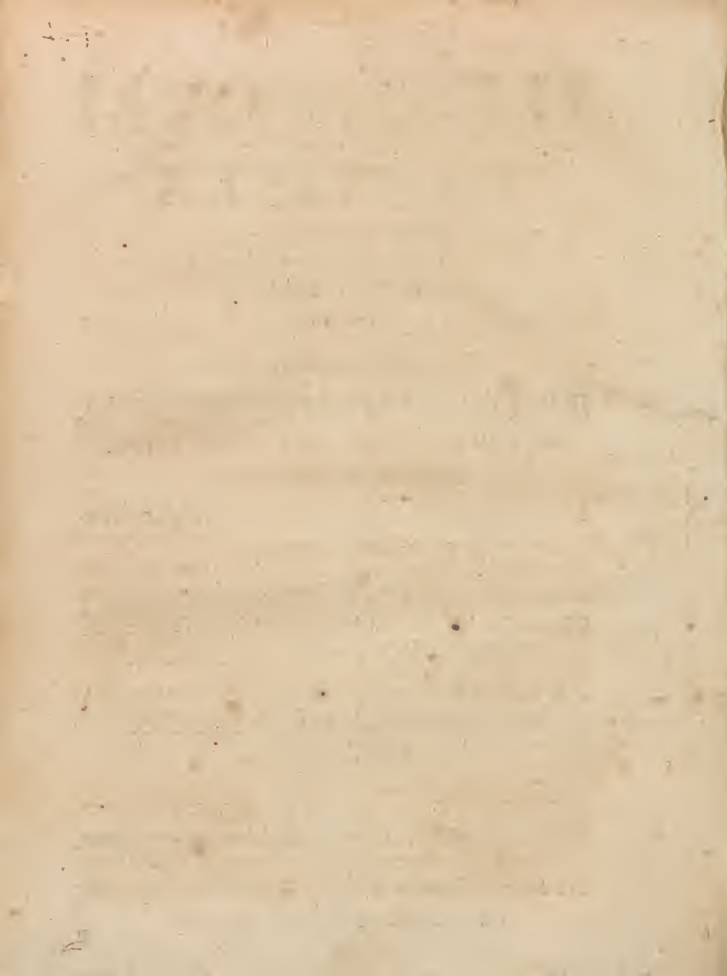
SERMAM DE S. IOAM BAPTISTA

NA PROFISSAM DA SENHORA

MADRE SOROR MARIA DA CRVZ,
Filha do Excellentissimo.
DVQVE DE MEDINA SYDONIA,
SOBRINHA DA RAYNHA N. S.
Religiosa de Sam Francisco.
No mosteyro de Nossa Senhora na Quietaçam, das Framengas.
Em Alcantara.
Esteue o SANCTISSIMO SACRAMENTO exposto
Assistirão suas MAGESTADES, & ALTEZAS.

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de Iesv. Prêgador de
Sua Magestade.

EM COIMBRA. *Com todas as Licenças necessarias.*

Na Impressam de Thome Carualho Impressor
da Vniuersidade Anno de 1658.

Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filiũ; & audierunt vicini, & cognati eius quia magnificauit Dominus misericordiam suam cum illa, & congratulabantur ei. Et venerunt circuncidere puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater eius dixit: Nequaquam sed vocabitur Ioannes.

Luc.cap.1.

SENHOR.

NO dia em que nace a Voz de Deos, justamẽte emudecẽ as vozes dos homens. Admiraçoens emudecidas saõ a retorica deste dia: *mirati sunt vniuersi*; pasmos & assombros saõ as eloquencias desta acção: *Factus est timor super omnes vicinos eorum.* He dia hoje de fallarem os coraçoens, & de callarem as lingoas: por isso a lingoa de Zacharias emudeceu, por isso os coraçoens dos Montanhezes fallauam: *Posuerunt in corde suo dicentes.* E se em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar, & os discursos mais discretos saõ os que se remetẽ ao silencio; q̃ será hoje no concurso de tantas obrigaçoens em que as causas do temor, & os motiuos da admiração se vem tão crecidos? Se toda a razão dos assóbros no nacimẽto do Baptista era verem q̃ daua Deos a hũa alma a mão de amigo: *Etenim manus Domini erat cum illo*; Quanto mais deue assombrar hoje nossa admiração ver que dà Deos a outra alma a mão de Esposo: *Etenim manus Domini erat cũ illo?* Bẽ sei q̃ disse Origines, q̃ dar Deos a mão ao Baptista foy desposarse cõ sua alma: mas muyto vay de desposorio à desposorio, porque vay muito de lugar a lugar. Desposarse Deos nos desertos he

Origin.

he cousa ordinaria: mas desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço! Marauilha grande! He caso este em que acho contra mim todas as escrituras.

Se lermos o Profeta, Oseas acharemos, que querendo Deos desposarse com hũa alma, disse, que a leuaria primeiro a hum deserto: *Ducã eam in solitudinẽ, & loquar ad cor eius.* Se lermos o profeta Ieremias, acharemos, que lembrando Deos a Hierusalem o tẽpo, que com ella se desposara, aduertio que fora noutro deserto: *Charitatem desposationis tuæ quando sequuta es me in deserto.* Se lermos os Cantares de Salamaõ acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro deserto se conseguiraõ. *Quæ est ista quæ ascendit per desertum:* diz no cap. 3. *Quæ est ista quæ ascendit de deserto innixa super dilectum suum:* diz no cap. 8. Mas para que he multiplicar escrituras, se o mesmo Esposo que està presente nos pode escusar a proua? O misterio em que Deos mais propriamẽte se desposa com as almas, he o Sacramẽto sobêrano dà Eucharistia. Porque nelle (como grauemẽte notou S. Agostinho) por meo da vnião do Corpo de Christo se verifica entre Deos, & o homẽ: *Erunt duo in carne vna.* E se buscarmos os lugares em que Deos figuratiuamente celebrou estes desposorios, acharemos q̃ os principaes, assi no velho como no nouo testamento, forão desertos. A principal figura do Sacramento no testamento velho foi o Mana, durou quarẽta años, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri manducauerunt Manà in deserto.* A principal figura do Sacramẽto no testamẽto nouo, foi o milagre dos cinco paẽs e o milagre dos sete, ambos socederam no deserto. *Desertus locus est, & non habet quod mãducẽt. Vnde eos quis poterit hic saturare panibus in solitudine?* Pois qual he a razão (para q̃ mais fundadamẽte nos admiremos) qual he a razam porque se desposa Deos nos desertos sẽpre? Não he o Monarcha vniuersal do mũdo, não he o Principe eterno da gloria? Pois já q̃ ha de desposarse desigualmente na terra, porque naõ busca es-

Osee. 2.

Ierem. 2.

Cant. 3.

Cant. 8.

August.

Genes. 2.

Ioann. 6.

Marc. 6.

Marc. 8.

posa com menos desigualdade nas Cortes, & nos paços dos Reys, senão nos desertos, & nas soledades?

A razão he, porque esposa com as qualidades de q̃ Deos se agrada, não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramento nos fundou a duuida; S. Ioão nos fundará a reposta. Fez Christo hum panegirico do Baptista (que de tão grande sogeito sô Deos pode ser bastãte orador) as palauras forão poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assi. Luc. 7. *Quid existis indesertum videre. Hominem mollibus vestitũ? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regum sunt.* Sabeis quem he Ioão, este a quem todos sahis a ver (diz Christo) He hum homem que viue no deserto: não he dos homens q̃ viuẽ no Paço. Notauel dizer! Pois Senhor, este he o thema que vós tomais para prêgar do Baptista? Quando quereis concluir que he o maior dos nacidos, fundais o Sermam em que viue no deserto, & nam viue no Paço? Si. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os Theologos: *In prosequutione & fuga,* em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ô vició. Por isso os preceitos Ecclesiasticos, & diuinos, huns saõ positiuos, outros negatiuos; os positiuós que nos mandão seguir o bem, os negatiuos quẽ nos mandão fugir o mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Baptista; que fez? Disse que era hum homem, que seguia todo o bem, & que fugia de todo o mal. E para dizer que seguia todo o bem, disse, que viuia no deserto, para dizer que fogia de todo o mal, disse, q̃ não viuia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar & para dizer quem era disse õde moraua. Ainda não digo bẽ. Para dizer quem era disse onde moraua, & onde não moraua. Para dizer que era homẽ do Ceo, disse que moraua no deserto: para dizer q̃ não era homem da terra, disse q̃ nam moraua no Paço. E que estando os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que só se desposaua nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio! Marauilha grande.

Mas qual ſerà a rezão deſta marauilha? Qual ſerà a razão, porque Deos, que só ſe deſpoſaua nos deſertos, hoje ſe deſpoſa no paço? A razão he; porque o paço das Raynhas de Portugal he paço cõ propriedades de deſerto. Deos commummente deſpoſa-ſe no deſerto, porque nam acha no deſerto as condiçoẽs do Paço hoje deſpoſaſe no Paço, porque achou no Paço as condiçoens do deſerto. Quando a Iob no meo de ſeus trabalhos lhe pareceria melhor a morte que a vida, entre as queixas que fazia della, diſſe deſta maneira. *Et nunc requieſcerem cum Regibus, & Conſulibus, qui ædificant ſibi ſolitudines*: Se eu fora morto eſtiuera agora deſcançado entre os outros Reys & Principes, que edificão deſertos. Notauel modo de fallar! *Cum Regibus qui ædificant ſolitudines*: Reys que edificão deſertos, Se diſſera Reys que edificão palacios, bem eſtaua, mas Reys que edificão deſertos! Os deſertos edificamſe? Antes desfazendo edificios he que ſe fazem deſertos. Pois que Reys ſaõ eſtes, que trocão os termos à Architectura, que Reys ſam eſtes, que edificão deſertos? São aquelles Reys (diz Sam Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal maneira ſe contemporiza cõ a vaidade da terra que ſe trata principalmẽte da verdade do Ceo; & paços onde ſe ſerue a Deos como nos hermos, naõ ſaõ paços, ſaõ deſertos: *Qui ædificant ſibi ſolitudines*. Bem dito, que edificão; porque hà duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificação. O edificio faz dos deſertos palacios, a edificação faz dos palacios deſertos. Hum paço onde ſe ſerue a Deos he hum deſerto edificado. Paço onde sò Deos ſe ſerue, & o mundo só ſe comtemporiza: onde a clauſura compete com a das Religioens: onde as galas ſam diſsimulaçam do cilicio: onde a licença do galanteo, a liberalidade dos ſaraos & outras mal entendidas grandezas ſam exercicios de eſpiritu: onde ſair do Paço para o nouiciado mais he mudar de caſa que de vida; Eſte hermo cortezam nam lhe chamem Paço, chamemlhe deſerto.

Iob 3.

Greg. Pap.

Qui

Socrat. *Qui ædificant sibi solitudines.* Lá disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fora tão religioso principe, & tão reformador da Casa Real, que conuertera o Paço em Mosteiro. *Palatiũ sic disposuit, vt haud alienum esset á Monasterio.* Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde, & a tenho ainda por maior, que a do outro Theodosio. O outro Theodosio fella, o nosso achoua: o outro criou esta reformaçaõ, o nosso criase nella. O que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no Paço de portugal tem o Ceo tantas prerogatiuas de deserto, que muito, q̃ Deos costumado a se des posir nos desertos o vejamos hoje desposado no Paço? Cessem pois as admiraçoẽs com as dos Montanheses, rompase o silencio com o de Zacharias, & comecemos fallar nesta acçaõ pois nos dà licença o pasmo: *Et apertum est illicò os eius.*

Verdadeiramente que me vi embaraçado no concurso das obrigaçoẽs de hoje, porq̃ saõ todas tão grandes, que cada hũa pedia o Sermam todo. Para nam errar aconselheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & seguirei sua doutrina. *Qui habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Eu sou amigo de Christo, (Diz S. Ioaõ) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assi seja. A festa serà de S. Ioaõ, o dia serâ da Esposa, & o Euangelho se acommodarà tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos Vamos cõ elle, sem nos apartar hum ponto. Ioann. 3.

Elisabeth impletum est tempus pariendi; & peperit filium. Isabel depois de cõprido o tẽpo dos noue mezes foi mãy de hũ filho. Aquella palaura *impletũ est tempus*, depois de cõprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Não estaua claro que S. Ioaõ auia de nacer como os outros homẽs, passado o tempo que a natureza limitou para o nacimento? Pois porq̃ diz hũa cousa superflua o Euangelista, q̃ naceo S. Ioaõ depois de comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus?* O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizẽ, que não foy super- Tolet.

perflua esta aduertencia se nam muito necessaria;suposto que em S.Ioão se antecciparam tanto as leys da natureza,que aos seis mezes de cõcebido ja tinha voz de razão. E quem anticipou o vzo de razão tantos annos, pediase cuidar que tambem antecipa ria o nacimẽto algũs mezes. Pois para q̃ se soubesse q̃ não foy assi, diga o Euangelista, que naceo S. Ioão depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.* Esta he a verdadira intelligencia deste texto; mas quãto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duuida. Que se diga que S.Ioão naceo comprido o tempo porque não anticipou o nacimento; bem dito està: mas porq̃ o não anticipou? Porque não anticipou o tẽpo do nacimẽto,assi como anticipou o tempo do vzo da razão? O vzo de razão, segundo as leys da natureza,auia de ser aos sete annos do nacimento, o nacimento aos noue meses da conceiçaõ. Pois se anticipou o vzo da razão tantos annos, porq̃ não anticipou o nacimẽto algũs mezes? Porque o nacimẽto pertence à vida da natureza,o vzo da razão pertẽce à vida da graça;& nas materias temporaes o que custuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituais o que custuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nacer ao mũdo,faça o tempo o que ha de fazer o tempo: para nacer a Deos, o que hade fazer o tẽpo,façao a razaõ. Caminhaua Christo de Bethania para Hierusalem, vio no campo hũa figeira muito copada,chegou, & como nam achasse mais q̃ folhas, amaldiçooua, & nota o Euangelista S.Marcos (cousa muito digna de se notar) que não era tempo daquella aruore ter fruto: *Non erat tempus ficorum.* Pois valhame Deos: pasmaõ aqui todos os Doutores Senão era tẽpo de fruto,para q̃ o foi Christo buscar? E se o nam achou, quando o não auia porque castigou a aruore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fruto. E senão era tempo,como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz Sam Chrysostomo) porq̃ ainda q̃ por ser Primauera não deuia

Marc 23.

Chrysost.

fru-

fruto ão tẽpo, por Deos se querer seruir della deuia os á razam. E as diuidas da razão nam ham de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao mundo faça o tempo o que ha de fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*; mas para dar frutos a Deos, o q̃ hade fazer o tempo, façao a razaõ. *Exultauit infans in vtero.* Esta he hũa das excellencias, q̃ eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hũ homem em que fez a razão o que fez nos outros o tempo. Esperarem os annos pela razão isso acontece a todos, mas adiantarse a razam aos annos, fazer a razão o que auia de fazer o tempo; isto so se acha no Baptista: se bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equiuocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos que auia de amadurecer o tempo, sazonados na razam! Quem podia fazer outono dos frutos, a primauera das flores, senam a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra tempus putationis aduenit?* Asi obedecem os tempos, onde asi domina a razão. Que já o mundo, & a vida não saibaõ enganar? Que vejamos tãtos desenganos da vida em tam poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a razam o que auia de fazer o tempo. Seguiremse aos annos os desenganos he fazer o tempo o que faz o tempo; mas anticiparemse os desenganos aos annos he fazer a razão o que o tempo auia de fazer. Queixauase Marco Tulio, que sendo os homẽs racionais podesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razam. Mas hoje vemos q̃ o discurso da razam mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem nouenta annos para dar siso a Helias, & que bastassem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? O que grande victoria da razam, contra a sem razam do tempo! Hũa velhice enganada, he a mayor sem razam do tempo: Hũa mocidade desenganada he a maior victoria da razam. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos, & que os cabellos de Absalão

Cant. 2.

Cicer.

1. Reg. 1.

2. Rge. 14

na idade de ouro sintão os rigores do ferro: Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pès de Christo com os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que ponha aos pês de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Iacob na primauera dos annos enterre a sua Rachel, he inconstancia da vida; mas que Rachel na primauera da vida se sepulte a sy mesma? Grande valor da razam. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarlha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os vltimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe consagra os primeiros faz Religioso ao amor da vida.

Luc.7.

Genes.41.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em que resistem mais os poucos que os muitos. Deixaremse vencer da razam os muytos annos, não he muyto: mas deixaremse vencer, & conuẽcer os poucos, grande poder da razão! E mais se considerarmos a resistencia fauorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas (como eram os do Baptista) não he tanto, que senam defendam à força da razam: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & desenganados! Grande victoria. Offereceo el Rey Dauid a Bercellai hum grande lugar no paço, & elle que era jà de oitenta annos, que responderia? *Octogenerarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine:* Respondeo que assaz tinha aprendido em tantos annos a desenganar se das cortes que o deixasse o Rey viuer retirado consigo, & tratar da sepultura; porem que aceitaua o lugar para hum seu filho que tinha de pouca idade. *Est seruus tuus Chamaam ipse vadet tecum.* Parece que se implica nesta acçam o amor de pay, mas explicase bem o engano do mundo. Desenganaram a Bercellai os muitos annos propios para não querer o Paço para si, & enganarão os poucos annos alheos para que rer o Paço para o filho. Não sei que tem o Paço, e os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, nam se atreuem ao deixar os pou-

Luc.1.

2.Reg.19

cos

cos Teue conhecimento para o deixar hum velho, nam teue animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreueò a dar o conselho. Antes parece que se sustituio a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propia velhice não podia. E que não auendo valor na velhice pera deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem ò mundo deixa: que haja resoluçam na mocidade para meter o mundo debaxo dos pès, quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se desafronta hoje a natureza humana. Là dezia Sam Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo:* O mundo está crucificado em my, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estaua estaua crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estaua crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mũdo. E que de eu as costas ao mundo quando o mundo me vira as costas, não he muyto. Mas que quando o mũdo me mostra bom rosto, dè eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vós, vós choreis por elle; ò fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vòs, vós vos riais delle, ò valentia!

Ad Gal.

He tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão não fiou S. Paulo o credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyses, & diz assi: *Moyses grandis factus negauit se esse filium filiæ Pharaonis magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Moyses despois que foy de mayor idade, deixou o Paço del Rey Faraó, deixou a Princesa, deixou quanto alli possuia, & esperaua, escolhendo viuer pobre, & sem liberdade, com o pouo de Deos no captiueiro do Egypto. O em que reparo aqui he, no *grandis factus*; que fez isto Moyses depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? Sam Paulo trataua da resolução & não dos annos de Moyses. Pois se a resoluçam estaua no animo, & não nos annos porque diz que era de ma-

Ad Heb. 11.

mayor idade Moyses, quando deixou o Paço, & se cattiuou por Deos? Direi: Moyses criarse no Paço delRey Faraó minino, era todo o mimo, & fauor da Princesa do Egypto, que o adoptara por filho, & como tal era seruido, & venerado com authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyses a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de hũa coroa, pareceolhe a Sam Paulo que não era façanha creiuel em poucos annos; por isso ajuntou a resolução. *Moyses grandis factus.* Como se dissera. Ninguem duuide esta galharda acçam de Moyses, porque quando a fez era já de mayor idade, bẽ cabia nos seus annos. Ora seja embora a resoluçam de Moyses victoria do tempo, que a grande acção que nós celebramos hoje, com ser tão parecida em tudo o mais, não se pode gloriar della o tempo, senam a razão. Obrou aqui a força da razam, o que lá fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Et audierunt vicini, & cognati eius quia magnificauit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que naceo Sam Ioam (diz o Euangelista) soouse logo pelo lugar, que engrandecera Deos sua misecordia com Santa Izabel: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam.* Notauel dizer! Parece que não està boa a consequencia do texto. O que soou pello lugar, auia de ser o que sucedeo em casa de Zacharias. Suceder hũa cousa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiras, & maliciosas, & não nas montanhas simples. O nosso Euangelho o diz: *Diuulgabantur omnia verba hæc.* Que o que se diuulgaua era o mesmo que sucedia. Pois se oq̃ sucedeo foi nacer o Baptista. *Elisabet peperit filiũ;* como diz o Euangelista quẽ o que soou foy que engrandecera Deos sua misericordia: *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordiam suam?* Grande louuor do Baptista! Quando as vozes diziam em casa de Zacharias, que nacera Ioão, repetião os eccos nas montanhas que Deos engrandecera sua misericordia; porque quando Ioam sae ao mundo, augmentãose os attributos

tos a Deos: quādo Ioão nace, Deos crece. Não he aricjamento senão verdade muyto chāa. Disseo o mesmo S. Ioão & mais fallaua em seus louuores com grande modestia. *Illum oportet crescere me autem minui:* Importa que elle creça, & que eu diminua. Aquelle (elle) não se refere menos, q̃ ao verbo humanado. Pois como assi? Deos ainda em quanto humanado não pode crecer. Como logo diz S. Ioam *Illum oportet crescere:* importa q̃ elle creça? E dado q̃ podesse crecer, q̃ depēde cia tinhā os crecimentos de Deos, das diminuiçoēs do Baptista? Deos he grande sem depender de ninguē. Como diz logo: *Illū oportet crescere, me autē minui:* Importa crecer elle, & diminuir eu? He posiuel crecer Deos? E he posiuel q̃ o seu crecer depēda do Baptista? Si, Porq̃ ainda q̃ Deos por ser infinito, não pode crecer em si mesmo, por ser limitado o conhecimento, humano pode crece na nossa estimação. E na estimação dos homens, nē Deos podia crecer sem diminuir o Baptista, nē o Baptista podia diminuir sem Deos crecer. Ora vedē como. O conceito que os homens faziam de Deos antiguamente, era tal, que quando o Baptista apareceo no mundo, assentarão que elle era Deos. Conforme esta resolução lhe forão offerecer adoraçoēs ao deserto, onde o mesmo S. Ioam os desenganou. E como o Baptista, & Deos na opinião dos homēs, erão iguais; tanto que por seu testemunho se desfez esta opinião: necessariamente creceo Deos, & o Baptista diminuio. Diminuio o Baptista porque ficou menor que Deos: creceo Deos, porque ficou mayor q̃ o Baptista. De sorte, que depois que o Baptista veyo ao mundo ficou Deos, para cō os homens, maior do que dātes era, porq̃ dantes era como o Baptista, depois começou a ser maior que elle. Donde se infere em grande louuor deste grāde santo, q̃ a medida do Baptista he ser menor q̃ Deos, & a medida de Deos he ser maior q̃ o Baptista. Não tenho menos abonado fiador, q̃ S. Agostinho: *Quisquis Ioanne plus est nō tā. ū homo sed Deus est:* Sabeis quē he Ioam? He menor q̃ Deos. Sabis quem he Deos he

Ioann. 3.

Math. 11.

S. August.

he maior que Ioão. Com esta defferença porem; que em quãto Sam Ioam o não disse, eraõ iguais, depois que o testemunhou começou Deos ser maior. Que muito logo, que creça Deos nos seus attributos, quando Sam Ioam nace no mundo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia suam.*

Desta maneira creceo Deus naquelle tempo, & tambem eu hoje, se a consideraçam me não engana, o vejo muito crecido. Entam creceo nas minguãtes de Ioam hoje crece nas minguãtes do mũdo. Apareceolhe a Nabucodonosor aquella tam repetida, & tam prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocandolhe huma pedra nos pés de barro, a estatua se diminuio a poucas cinzas, & a pedra creceo a grandeza de hum monte. *Factus est mons magnus, & repleuit terram.* Dan. 2. Para entender esta figura, q̃ he enigmatica, saibamos quem era a pedra, & q̃ ẽ a estatua. Em sentido de Santo Ambrosio, & Sancto Agostinho, a estatua era o mundo, a pedra era Deos. Ambros. August. Pois se a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pode crecer? E se a estatua he o mundo como diminue a estatua? O mundo diminuese? Tudo saõ effeitos da estimaçam dos homẽs. Segundo a estimaçam que fazemos de Deos, & do mundo ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se pomos a Deos aos pès do mundo, crece o mũdo, & diminue Deos, se pomos o mundo aos pês de Deos, crece Deos, & diminue o mundo. Deixar a Deos por amôr dos nadas do mundo, he fazer a Deos menor que na da: mas deixar o tudo do mũ do por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo. *Accedet homo ad cor altum, & exaltabitur Deus.* Psalm 66 Bemdito seja elle que de quantas vezes vemos a Deos tão pequeno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje tam grande, & tam crecido! Tam crecido, & tam acrecentado esta hoje Deus em sua grandeza, quantas sam as grandezas do mundo que vemos a seus pès arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatura representaua grandezas, na materia riquezas, na sinificaçam esta-

estados, & tudo isto abrazado em fogo do coraçam se rende hoje em cinzas aos pés de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quem lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he muito maior que si mesmo. Para derrubar com hũa pedra ao Golias bastou a funda de Dauid, para derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco forão necessarios impulsos (posto que inuisiueis) do braço de Deos. O Golias tinha de altura seis couados, a estatura tinha sessenta; que nas grandezas mais pomposas do mundo sempre sam maiores os Gigantes q̃ as estatuas. Nunca as machinas viuas igualão à medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperança: profetiza o desejo, representa a imaginação: & ainda que a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas o prazo destas profecias, a verdade destas representaçoens nunca chegão; mais triumpha o amor diuino, quando piza o fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir he usura

2. Reg. 17

Dan. 3.

de merecer; porque quẽ mais dâ, mais merece, & quem dá os bens na esperança dá os onde saõ maiores. A melhor parte dos bens desta vida he o esperar por elles: logo mais faz quem se inhabilita para os esperar, que quem se priua de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançauaõ as redes & não quando as recolhião: *Mittentes rete in mare.* Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lanção leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muyta rede vazia.

Matth. 4.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças ó quantas & quam bem entendidas grandezas honram hoje em piadoso sacrificio os altares de Christo! Dezia Sam Paulo aos Romanos, que ninguem póde dar a Deos senão o que Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tão engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe deu. Não ha duuida,

Ad Ro. 11

uida, quẽ dos bens tẽporais mais liberal he o mundo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Nam costuma Deos dar tanto, quanto o mundo costuma prometer: Bem se segue logo, que mais dà a Deos quem lhe dà as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deos vos da, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promete dais muito mais. O quão liberal està com Deos quem dandolhe as maiores grandezas, ainda buscà artificios de lhas dar acreçentadas! E que artificio pode auer para acrecentar os bens, & grãdezas do mundo? Eu o direi: Que nos exemplos desta acçaõ nam se pode deixar de aprender muito. Os bens, & grandezas do mundo falsamente se chamaõ bens, porque saõ males, & sem razam se chamão grandezas, porq saõ pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas, & dos males bens? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porque esses, que o mundo chama grãdes bens, sò sam bens quando se deixaõ, sò saõ grãdes quãdo se esperaõ. A esperãça lhe dâ a grãdeza, o desprezo lhe dâ a bõdade: desprezados sam bens, esperados sam grandes. E assi: mais dá quẽ despreza o que espera, que quem dà o que possue. De humas, & outras: de possuidas, & de esperadas grãdezas, saõ despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquella pedra diuina. O como desaparece a estatua? O como crece o monte! De nossas diminuiçoens augmenta Deos suas grandezas, de nossos desprezos sua Magestade.

La vio S. Ioão no Apocalipse aquelles vinte, & quatro anciãos, que tirando as coroas das cabeças lãçauão aos pês do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronũ.* Tornou a olhar o Euangelista & vio, que Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite eius diademata multa.* Pois se as coroas se lanção aos pés de Deos como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandeza, quanto despresam os homens por seu amor. As coroas na cabeça de Deos eram

Apoc. 4.

Apoc. 9.

SERMAM QVE PREGOV

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA de Iesv, na caza professa da mesma Cõpanhia em 16. de Agosto de 1642.

NA FESTA QVE FEZ A S. ROQVE ANTONIO Tellez da Sylua do Concelho de Sua Magestade Gouernador, & Capitam Geral do Estado do Brasil, &c.

EM COIMBRA. *Com todas as Licenças necessarias.*

Na Impressam de Thome Carualho Impressor da Vniuersidade Anno de 1658.

Ut cùm venerit, & pulsauerit, confestim aperiant ei.
Lucæ cap.12.

ERDADEIRAMẼTE que se algũ hora prêgei sobre thema forçado, se algum hora nam tiue liberdade de eleiçam sobre as palauras do Euangelho, foy na occasiam presente. Nem eu pudera tomar outro thema, que o que propuz, nem poderey seguir nelle outra exposiçam, que a que logo direy, de Sam Gregorio. O fim, & intento de todo o Euangelho he querer Christo seus seruos vigilantes, & preparados para quando lhes bater â porta. Isso vem a dizer em summa as nossas palauras: *Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim aperiant ei.* Se perguntarmos aos Doutores quando, & de que maneira bate Deos às portas de nossas almas: responde Sam Gregorio Papa no sentido mais literal, que todos seguem: *Pulsat cum per ægritudinis molestias esse mortem vicinam designat*: que nos bate Deos âs portas da alma por meyo das enfermidades do corpo. Se perguntamos mais, quando, de que maneira abrimos com pontualidade a Deos; responde o mesmo Santo Doutor, & com elle muytos outros: *Cui confestim aperimus, si hunc cum amore suscipimus*: que abrimos a Deos com pontualidade, quando o recebemos com amor. De sorte que o bater, & o abrir das portas de nossa alma consiste, em bater Deos por enfermidade, & em abrirmos nos por charidade. *Pulsat per ægritudinis molestias. Aperimus si cum amore suscipimus.* Bem disse eu logo, que nem pudera tomar na occasiam presente outro thema, nem seguir nelle outra exposiçam. Celebramos hoje

Gregor. hom. 13. in Euangel.

Beda comment. in Lucam. Haymo homil. 5. in hoc Euang.

hoje às gloriosas memorias do Illustrissimo confessor de Christo Sam Roque, cujas portas fermosissimas da alma se estam vendo tam batidas, & tam abertas, que duuido qual mais quisesse fazer nellas a prouidencia Diuina, se theatro de sua paciencia ao Ceo, se exemplar de sua charidade á terra. Encontrarãose às portas daquella alma no mesmo tempo duas mãos, porque fóra a de Deos batendo, por dentro a de Roque abrindo, & ainda que o amor não se conquista com golpes, quam rigoroso insistia Deos no bater, tam amoroso se mostraua Roque no abrir: Deos batia por enfermidades *Pulsat per ægritudinis molestias:* Roque abria por charidade, *Aperimus si cum amore suscipimus.* Suposta esta conformidade facil do Euangelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S. Roque pella correspondencia marauilhosa, que teue sua charidade com suas enfermidades. E ainda que eu estaua mais para pedir ao Santo remedio das proprias, que para ponderar finezas das suas; diremos em quanto pudermos com o fauor da Diuina graça. *AVE MARIA.*

Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim aperiant ei.

I.

SVpposto que bate Deos ás portas da alma por meyo das enfermidades do corpo, hũa couza muy singular acho no glorioso sogeito de nossa oraçam, & he, que foy tam vigilante seruo S. Roque em acudir ao bater de Deos, que não soó acudio pontualmente quando lhe batia âs portas proprias, se nam tambẽ quãdo batia às alheas. Lá bateo huma vez o esposo ás portas da alma Santa; & com ser Santa, acudio tam pouco diligente, que quando chegou a abrir, jâ o esposo cansado de esperar se tinha partido: *Surrexi vt aperirem dilecto meo; at ipse declinauerat, atque transierat.* Verdadeiramente que se a esposa dos Cãtares não reprezentarâ as almas de toda a Igreja, creo

Cant. 5.

que deixàrá Deos a alma Santa, & se desposàra com a alma de Roque. A alma Santa tal vez nam acode a Deos, quando lhe bate às portas proprias, S. Roque ou lhe bata Deos às proprias, ou âs alheas, sempre acode diligente.

E se me perguntão quando aconteceo isto a S. Roque quando acudio com esta pũtualidade a hum, & outro bater de Deos? digo que sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos às portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia ás portas alheas, por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per agritudinis molestias.* Andando tam feruorosa em hum, & outro abrir sua charidade: *aperimus si cum amore suscipimus*; que das enfermidades alheas adoecia, & com as enfermidades proprias curaua; das enfermidades alheas tiraua doença para si, das enfermidades proprias tiraua saude para nos. Nam he modo de encarecer, se nam verdade liza. Quando Sam Roque sahio de França para Italia, o exercicio, & instituto de vida que tomou, foy seruir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou a muytos milagrosamente) sahio com huma graue enfermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando para a patria, & chegandose lhe o fim ditoso de sua peregrinaçam, permitio o senhor que fosse ferido de peste, de que morreo em breues dias; mas despois de morto foy achado com huma taboa nas mãos escrita por ministerio de Anjos, na qual promettia que todos os enfermos de peste, que se encomendassem em sua intercessam, sarariam daquelle mal. Asi que das enfermidades alheas tiraua doença para si, & das enfermidades proprias tiraua remedio para nos. Quando serue aos enfermos, toma por premio a doença: quando morre da enfermidade, deixa em testamento a saude. A ê aqui puntualidade de acudir a Deos, atê aqui engenhoso artificio, & artificioso extremo de charidade! Adoecer cõ as enfermidades alheas, & curar com as enfer-

enfermidades proprias. Excellencia he esta, que soó duas vezes acho escrita, huma vez junta, outra diuidida; se diuidida, ém S. Paulo, & em Christo: se junta, no glorioso S. Roque.

II.

VAY contando Sam Paulo o muyto que tinha padecido em seruiço dos proximos, & diz assi aos Corinthios: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* que homem ha que adoeça, que nam enferme eu tambem com elle? notauel dizer! Parece que ou a charidade he hum bem contagioso, que se pèga a todos os males; ou todos os males sam contagiosos em respeito da charidade, que se pegam a quem a tē; *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Mas como pode ser (vamos á razão) como pode ser que adoecesse S. Paulo das enfermidades alheas, & que sentindo cada hum as suas, Paulo padecesse as de todos? Lâ os outros enfermauão, & câ Paulo adoecia! como pode isto ser? na charidade do Apostolo temos a soluçam da duuida. Como a charidade essencialmente he vniam, & vniaõ perfeitissima, de tal maneira vne os proximos entre si, que se éu tenho charidade, cada proximo he outro eu: *vt sint vnum, sicut nos vnum sumus*; & como por estes laços sobrenaturaes, os homens se vnem entre si, & se identificam reciprocamente; daqui vem que pode, antes deue cada hum adoecer das enfermidades do outro porque necessariamente ham de ser os accidentes communs onde o sogeito he o mesmo. Por isso Sam Paulo (& o mesmo digo de Sam Roque) adoecia das enfermidades alheas, & sentindo cada hum as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua charidade. Adoecia das enfermidades alheas, porque a vniam recipeoca do amor as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de todos, porque sendo hum soô per natureza, era todos por charidade. *Quē admodum si vniuersa orbis ecclesia esset, sic in vnoquoq; membro discruciabatur*, diz S. Ioam

2. Ad Corinth. 11.

Ioan. 17.

 chrysost

Chrisost. hom 25. in 2 ad Corinth.

Chrisostimo. Adoecia em todos por sentimento, porque viuia em todos por amor: *quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Donde ami me parece podemos dizer por hũa certa anologia que o que lhe faltou a Deos em quanto causa primeira por perfeiçaõ de sua simplicidade, supprio S. Paulo, & S. Roque por perfeiçaõ de sua charidade. Deos nosso Senhor (como ensinaõ os Theolgos) he primeira causa actiua, mas não he primeira causa passiua. He primeira causa actiua porque por sua immensidade, & omnipotencia obra com todos os que obraõ, concorrendo juntamente com elles: & não he primeira causa passiua, porque por sua simplicidade, & immutabilidade nam pode padecer em si, nem receber accidentes extranhos. De maneira que obra Deos com todos os que obram, mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade, extensaõ, que não tem Deos em quanto causa primeira por perfeiçaõ de sua simplicidade, esta supprio S. Roque com S. Paulo por perfeiçam de sua charidade. Deos, como primeira causa actiua, obra com todos os q̃ obrão: Roque como primeira causa passiua, padece com todos os que padecem; & assi como he brazam da Omnipotencia Diuina, que ninguem pode obrar sem Deos. *Sine me nihil potestis facere*; assi he brazam da charidade de Roque, que ninguem pòde padecer sem elle. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

D. Thom. in 1. p. q. 44.

Suar. in meth. def. 22. sect. 1.

Ioan. 5.

III.

ESTE sois, diuino Roque: este ao mũdo todo, por beneficios, & este aos Religiosos desta casa por imitação; que pouco fora recebellos debaixo de vosso patrocinio, se lhe naõ communicâreis juntamente as gloriosas participaçoens de vosso feruoroso spiritu. Verdadeyramente que quando considero (seja me licito, ao menos pellos priuilegios de estranho, dizer o que vejo, & o que admiro) quando considero a verdade com que pode dizer a casa de S. Roque: *Quis*

Quis infirmatur, & ego non infirmor? Que infermidades, que males, que trabalhos ha em Lisboa que a charidade desta casa nam participa? Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicçoens, & sentimentos particulares, que sempre sam mais que os publicos quem os padece neste grande pouo, que nam repartta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta caza? Que enfermo que os não tenha à cabeceira? que preso que os não ache á grade? que condenado que os naõ leue consigo ao lugar do supplicio? finalmente que necessidade spiritual, ou temporal que não venha buscar aqui, ou o remedio, ou o aliuio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me persuado que deue esta graça a Companhia ao glorioso padroeiro desta casa, que a gozam os Religiosos della mais por padres de Sam Roque, que por filhos de Sancto Ignacio. La quando aquelles Anjos peregrinos se agazalhá ram em caza de Abraham, louua muyto Lypomano a charidade, com que Sara, & Ismael os seruiam, mas não reconhece nelles esta virtude pello que tinham de parentes, se não pello que tinham de domesticos de Abraham. *Vxor accelerat, puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira que era filho Ismael de Abraham, mas aquella diligencia, & charidade nam resplandecia nelle porque nascera de seu sangue, se não porque viuia em sua casa: era filho diligente, & charitatiuo, mas nam era diligente charitatiuo por filho, senam por domestico. *Nullus piger est in domo sapientis.* Alguma razam tenho eu logo para dizer, que deuem os Religiosos desta casa os feruores de sua charidade a São Roque mais que a Sancto Ignacio; porque de S. Ignacio sam filhos, mas de Sam Roque domesticos. Naõ saõ isto priuilegios da filhaçam, sam prouêitos da moradia: no instituto, saõ obrigaçoens da vida que professamos; no exercicio, sam influencias da casa em que viuemos.

Gen. 19.

Lypom. in caten hic.

Nem eu cuydo que se poderà aggrauar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porque estas graças, ou

estas glorias todos tornam a demandar a fonte de onde na cerão, & S. Roque tambem foi filho de S. Ignacio. Não digo isto por querer imitar a deuaçam, com que algũas Religioens perfilhaõ os Sanctos alheos, porque estes piadosos latrocinios soó se podem dissimular (posto q̃ não encubrir) na confusaõ das antiguidades, & a nossa religiaõ he tam pouco antigua, que mais se conhece de vista que de memoria. O que digo, & o que entendo, he que Sam Roque foy professo da Companhia em spirito, & filho de S. Ignacio em prophecia. A forma de vida, que por morte de seus pães tomou S. Roque, foy esta: renuncia seus estados, que era senhor de Mompelher, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia, & alli, como dissemos, applicase a seruir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foraõ proprios. Pois, glorioso Roque, Francez Diuino, q̃ impetu de spirito he este vosso? que trocados da vida saõ estes tam contrapostos? aqui renunciais os bẽs proprios? alli tomais à vossa conta os males alheos? Si: que isto he ser professo da Companhia. O instituto da Companhia professa consiste em renunciar os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. Consiste em renunciar os bens proprios, porque nenhuma casa professa da Companhia pòde ter propriedade algũa, nẽ ainda para o culto Diuino, de que he tam zelosa; & consiste em fazer proprios os males alheos, porque esse he o voto, & a obrigaçam dos professos, acudir aos males communs, & dos proximos, como se foram proprios, & particulares. Este he o instituto da Companhia professa, & esta a vida, que professou Sam Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu, & nosso P. Sãcto Ignacio. E para que não cuyde alguem que preuerto a ordem dos tempos, & chamo exemplares aos que deuéra chamar imitaçoens, firmeha o pensamento S. Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acção o considerou assi.

Considera S. Isidoro Pelusiota o amor, & resolução cõ

que

que Rebecca para grangear a bençam a Iacob se expoz ao perigo da maldiçam que elle temia, & diz desta maneira. *Rebecca Apostolica animi magnitudine prædita*: verdadeiramente Rebecca com grãdeza de animo Apostolico: notay; Rebecca foy antes da Vinda de Christo mais de dous mil annos, & já entam diz Sancto Isidoro que seguia as pisadas dos Apostolos, & que copiaua em anticipadas imitaçoens os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em que? Aduertidamente o Pelusiota. *Vt ipsius filius benedictionem consequeretur, bonis quidem ipsa cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitaçaõ do spiritu Apostolico em que Rebecca para negociar a bençáo a Iacob renunciaua nelle todos os bens, & tomaua para si todos os males: *bonis quidem ipsa cedebat, mala autẽ ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeiçáo, & profissaõ Apostolica, fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porque o fez assi Rebecca, diz S. Isidoro que imitou em prophecia o spirito dos primeiros Apostolos; que muyto que fazendo o mesmo, Sam Roque, diga eu tambem que imitou em prophecia o fũdador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a deuaçàm de cadahum o quizer considerar, o certo he que de Sam Roque mais immediatamente se deriua aos religiosos desta casa aquelle feruoroso spiritu de charidade, com que despois de alienarem de si todos os bens proprios, se apropriam tam intimamente dos males dos proximos, que puderam bẽ dizer, se o nam callára sua modestia, com o Apostolo; *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Gen. 27

Isid. Pelusiot. Li 2. epist. 58.

Assi o dizia S. Paulo, & melhor que assi o pode dizer S. Roque: porque ainda q̃ S. Paulo diga a boca chea, que adoecia de enfermidades alheas, *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores o interpretão assi, que só adoecia spiritualmente por sentimento, & não corporalmẽte por enfermidade. Porêm o zelo, sem exemplar, de Roque, de tal maneira

o entra

o entranhava nos males dos proximos, que não soó adoecia na alma por sentimento compassiuo, senam que chegou a adoecer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeira; vencendo nesta circunstancia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey, *Tabescere me fecit zelus meus, id est charitas mea*: o meu zelo, a minha charidade me faz andar palido, andar enfermo, andar tisico, andar mirrado. Pois como? se o zelo charitatiuo he huma virtude que está na alma, como adoecia de zelo David & se entisicaua no corpo? *zelo corpore tabescit?* Glosa aqui a Interlineal. A razam deste excesso he porque os affectos de nossa alma se saõ extremadamente intensos ateãose pella vizinhança ao corpo chegando o corpo à padecer por enfermidade o que alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade he hum affecto ardente, chega tal vez a dilatarse tanto, que não cabendo na estreiteza onde nasceo, ou rebenta o coraçam, & morreses: ou se communica ao corpo, & enfermasses: *tabescere me fecit charitas mea.* Tal foy a charidade de Roque, não chegando a ser tal a charidade de Paulo, para que se veja quam vigilãte seruo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vt cum venerit, & pulsauerit: pulsat per agritudinis molestias. Confestim aperiant ei: aperimus si cum amore suscipimus.*

Ps. 118.

Interlin. hic.

IIII.

E Amor, que era tão Argos em acudir a Deos quando batia às portas de outros, já se vee quão vigilante seria em abrir quando lhe batesse às suas. Andou tam engenhosa tambem aqui a charidade de S. Roque, que se là em emulaçam de S. Paulo soube adoecer com as enfermidades alheas, cá em imitaçam de Christo soube curar com as enfermidades proprias, Fazer das enfermidades proprias medicina, he priuilegio soberano que soò em Christo nosso se acha, de quem diz o Propheta Isaias *liuore*

Isai. 64.

liuore eius sanati sumus, q̃ suas enfermidades, ou dores foião nossa saude. Com menos facilidades, mas com mais galãtaria o disse o Euangelista S. Mattheus & he hum dos textos de sua historia, que reconhescem os interpretes por mais difficultoso. Sarou Christo em Capharnaum grande multidão doentes de diuersas enfermidades, & referindo S. Mattheus este milagre, diz assi: *Omnes male habentes curauit, vt adimpleretur quod dictum est per Isaiam prophetam dicentem, ipse infirmitates nostras accepit, & ægrotationes nostras portauit.* Curou Christo todos os enfermos, que lhe apresentaram diz Sam Mattheus, & aqui se comprio o q̃ disse o Profeta Isaias, que tomaria Christo em sy nossas penas, & padeceria nossas enfirmidades: Notauel allegar de profecias por certo? Se Christo estaua curando enfermos & a profecia diz que hauia de padecer nossas infirmidades, como se comprio neste caso a profecia? Padecer infirmidades, & curar enfermos he a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he em Christo padecer infirmidades que curar enfermos, porque a paciencia de suas dores foy o remedio, & medicina das nossas: *liuore eius sanati sumus.* Por isso o Euangelista quando vio a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infalliuelmente enfermo, porque aquelles effeitos de curar eram certezas de adoecer. Onde a enfermidade era medicina, não podia ter saude quem a daua. *Ei defuit sanitas ne nobis deesset:* disse cõ propriedade o Oleastro.

Ita Sanches sup. Is. eum. pultij.

Oleastr. in Isai. hic.

Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Roque; que do sofrimento de suas enfermidades fez merecimento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem remedio, para que tiuessem remedio os feridos de peste. Quem visse estar morrendo do mal de peste a Roque, & o tiuesse visto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, parece que podêra dizer ao Santo por admiraçam o que no caluario disserão a Christo por afronta. *Alios saluos fecit, se ipsũ non potest saluum fecere:* pode saluar aos outros, & a sy nam se pode salua, Pois se sârou

Mat. 27.

de peste a tantos, porque se não cura tambem a sy? sabeis porque? Não se curou S. Roque a sy, porque quiz que saraſſemos nos: *Et defuit ſanitas nè nobis deeſſet.* Offereceo a Deos ſua enfermidade por noſſa morte: adoeceo para q̃ ſàraſſemos, morreo para que viueſſemos: & ainda que tinha virtude milagroſa para curar de peste, não quiz empregar eſta graça em ſua vida, para poder teſtar della na morte. Aſsi o diziam as taboas de ſeu teſtamento. Ha mais fino amor do proximo? hâ mais perfeita, hà mais diuina charidade que eſta? Iulgoa por tam diuina, que nam foram menos que demonſtraçoens de diuindade em Chriſtho, os que foram effeitos de charidade em Roque.

Eſtaua Santo Thome incredulo da reſurreiçam com os outros diſcipulos entra Chriſto com as portas cerradas, abre as das mãos, & do lado, chega Thomê, & a penas tinha viſto, ou tocado as chagas, quando cae aos pes do Senhor dizendo: *Dominus meus, & Deus meus*: reconheço Senhor que ſois o meu ſenhor, & creyo que ſois meu Deus. Mais crè Thomè do que duuidaua: porque só duuidaua de hum homem reſucitado, & reconhece o mais por Deus verdadeiro. Pois diſcipulo incredulo, ategora não crieis tam obſtinado, como já credes tão reſoluto? E ſe nunqua reconheceſtes em voſſo meſtre mais, que a humanidade, como o cõfeſſais por Deos tam ſubitamente? q̃ he o que viſtes nelle? que he o que decobriſtes de nouo? Vi (diz Thomê) que deixou eſte ſenhor as mãos, & lado aberto para render minha incredulidade; & quem nam fecha as ſuas chagas, pera ter com que curar as minhas, he mais, que homem, he Deos: *Dominus meus, & Deus meus: Nouo genere veſtigia vulnerum diuinitati perhibent teſtimonium*: Exclama Santo Agoſtinho: couſa noua, & prodigioſa, que chagas de hum corpo humano ſejão teſtimunho de natureza diuina. Mas que menos ſe pode arguir, que diuindade, em quem deixa abertas as chagas proprias para ter com que curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vul-*

Ioan. 20.

Hoc ſentiunt interprete & Theologi.

S. Aug. ſer. 115. de tempore.

Serm. 147. de tempore.

vulnerum, vt vulnera sanaret incredulitatis: diz o mesmo S. Agostinho. Estes pois que foraõ argumẽtos de diuindade em Christo, forão effeitos de charidade em Roque; o qual podendo sárar do mal, de que estaua ferido, naõ quiz sechar suas chagas, para ter com que curar as nossas, & renunciando, com maior milagre, os milagrosos priuilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso a mãos da peste, para que a peste morresse a suas maõs. Assi abria Roque por charidade, quando assi batia Deos por enfermidades. *Pulsat per ægritudinis molestias, aperimus si cum amore suscipimus.*

V.

A mãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecédo â violencia de sua interceſſaõ: onde eu noto, quam bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento, porque este segundo curar foy premio daquelle primeyro adoecer. Sobre o, *Præcinge se: & sint lumbi vestri præcincti*, do Euangelho, notou com agudeza Sam Pedro Chrysologo que paga Deos na mesma moeda os seruiços que lhe fazem os homens. Cingiuos para me seruir a mi, dis Christo, que eu me cingirei (quem nam assombra!) para vos seruir a vos. E como a liberalidade de Deos he tam pontual nas correspondencias: com que mais igualmente se hauia de premiar hum bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Lâ dissemos ao principio que a charidade de Sam Roque em emulaçam de Sam Paulo era hum bem contagioso, que se pegaua aos males: pois em pago de huma virtude, que he bem contagioso, dese a Sam Roque virtude de curar males contagiosos. Alguma cousa disto temos em Ioseph.

Chrysol. ser. 23.

Amaua sua senhora a Ioseph tam perdidamente como sabemos; passou a affeiçam a locura, passâram as significaçoens a violencias. deixoulhe en fim o casto moço a capa nas mãos. & daqui se trocou aquelle excessiuo

ſiuo amor em taes exceſſos de aborreſcimento, que dos laços dezejados ſe forjaram prizões executiuas, & ſoy poſto em ferros Ioſeph. Pois, Egypcia infiel, que mudança he eſta tam repentina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto aborrecimento? Se querias conquiſtar à vontade de Ioſeph; principio foy de victoria, ficar com os deſpojos nas maõs. Pois, porque nam continua teu amor a empreſa? porque aborreces tanto, aquem amauas ha tam pouco? Quereis ouuir com admiraçam, porque? Porque lhe ficou nas maõs a capa de Ioſeph. Aſsi como ſe pègam as enfermidades, tambem ſe pêga a Saude. Se baſtam os veſtidos de hum enfermo para ſe pegarem os achaques do corpo, tambem baſtam os veſtidos de hum Santo para ſe pegarem os affectos da alma. Qual cuidais que foy o principio da conuerſam de Sam Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os que apedrejauaõ a S. Eſteuão andaua tambem S. Paulo antes de conuertido, o qual foy tam venturoſo que lhe coube à ſua contâ guardar as veſtiduras do martyr. *Depoſuerunt veſtimenta ſua ſecus pedes adoleſcentis, qui vocabatur Saulus.* E que ſe ſeguio dahi? Seguioſe, diz Sam Bernardo, que pello toque daquellas roupas, começou Deos a lhe tocar na alma; & dos veſtidos de Eſteuão aquem apedrejaua, ſe lhe pegou a meſma feè, porque Eſteuão morria. *Deponũtur veſtimenta martyris ad pedes perſecutoris, qui ad tactum ſacrarum veſtium fuerat conuertendus.* Com particular prouidencia do Ceo ſe entregàraõ ao perſeguidor os veſtidos do martyr, para que tocandoos ſe lhe pegaſſe a fè, & vieſſe a ſeguir, como veyo, a ley que perſeguia. *Qui ad tactum ſacrarum veſtium fuerat conuertendus.* Aſsi ſe conuerteo Saulo em Paulo, & aſsi ſe trocou o amor da Egypcia em aborrecimento. Ficou a Egypcia com a capa de Ioſeph nas mãos: *Relicto in manus eius pallio, fugit*; & como pellos veſtidos dos Sanctos, ſe pegaõ as inclinaçoens, & affectos da alma, aborrece logo Egypcia a Ioſeph, porque Ioſeph aborrecia a Egypcia. Com-

Sic incelligit. Bern. Petrus Damian & alij

Bern. ſerm. de S. Steph

Communicouselhe o aborre cimento ao coraçaõ pello tacto; & pegouselhe a desafeiçam de Ioseph, só porque pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacrarum vestium.*

Mas de onde mereceo Ioseph (ainda não fechamos o pensamento) de onde mereceo Ioseph que se lhe comcedesse ja entam o que foy priuilegio singular do prothomartyr, & que ao toque santamente contagioso de suas roupas se produzissem tam marauilhosos effeitos? Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mesma acçam teue Ioseph o merecimento, & o premio. E se nam, pergunto; porque deixou Ioseph a capa nas mãos da Egypcia? Deixar em poder de seu inimigo huma testimunha falsa contra sua innocencia, mais he temeridade que confiança. Pois porque não faz força para trazer a capa cõsigo, porquê nam resiste, porque a larga das mãos? Venturosamente ao intento Sancto Ambrosio. *Contagium iudicauit si diutius moraretur ne per manus adulterae, libidinis incentiua transirent, itaque vestem exuit.* Largou Ioseph a capa nas mãos da Egypcia porq̃ julgou que era mal contagioso seu torpe amor, & nam quiz que pellas roupas se lhe apegasse a peste. *Contagium iudicauit; itaque vestem exuit.* Ah sy! E Ioseph tem por mal contagioso o amor da Egypcia; pois seja bẽ contagioso o desamor de Ioseph. Vos tendes por mal cõtagioso sua impureza; pois seja bem contagioso vossa castidade. De sorte que juntamẽte naquella capa hauia hũ mal, & hum bem, ambos contagiosos: o torpe amor da Egypcia de cujo contagio fugio Ioseph, & o casto desamor de Ioseph, cujo contagio em parte se pegou â Egypcia. Pois asi como Deos concedeo a Ioseph que fosse bem contagioso sua virtude, porque teue por mal contagioso o vicio alheo; asi concedeo a Sam Roque que sarasse de males contagiosos sua intercessam, porque fora bem contagioso sua charidade. Foy a charidade de S. Roque hum bem tam contagioso, que se lhe pegauam os males, & doenças de todos: *Quis infirmatur, & ego nõ infirmor?* Pois seja digno

Ambro. lib. de Ioseph. cap 17

digno premio desta contagio sa virtude que todos os males se rendam a seu imperio, & que nam haja contagiam, nem peste no mundo, onde chegar a intercessam, & nome de Roque.

VI

ESTES sam os merecidos prodigios de vossa charidade, glorioso, & poderoso Santo; & pois como diuino auogado da peste exercitais tam obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, huma petiçam vos quero fazer, que serà a materia desta segunda parte, fio que vos nam seja menos agradauel, que a primeira, porque aos animos dezejosos da fazer bem mais os lisongea quẽ lhes pede, que quem os louua. A petiçam que faço, & a merce que vos peço, diuino Roque, he que liureis o nosso Reyno de duas pestes muy perigosas, que nam sey se vam ja corrompendo o saudauel clima de seus ares. Sam consequencias da guerra estas tam certas, como danosas: *Surget gens in gentem, & regnum aduersus regnum, & erunt pestilentiæ.* Mar. 14

Alguns hauerà que seguindo a resoluçam de Dauid dezejariam antes remedio para a guerra, que para a peste mas eu pella mesma razam temo mais os rebates da peste, que os rebates da guerra. Poz Deos a Dauid em sua eleiçam que de dous, ou tres males, que lhe ameaçaua, escolhesse liuremente o que mais quizesse: & com ser tam grande soldado Dauid, quiz antes peste que guerra. A razam deu o mesmo Rey, como aponta o texto: *Quia melius est vt incidã in manus Domini, quam in manus hominum.* Porque a guerra estaua nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deos; & sempre sam menores os males, que se dispensam pella maõ de Deos, que os que se executam pella maõ dos homens. Por esta razam temeo mais Dauid a guerra, que a peste, & pella mesma temo eu mais a peste que a guerra; porque se lá a guerra estaua nas mãos dos homens, & a peste nas maõs de Deus: cà a guerra està nas mãos de Deus & a peste nas mãos dos homens. A guerra està nas mãos de Deus, porque 2. Reg. 24.

Deus

Deus a tomou á sua conta, & nos dá tam milagrosos successes como cada dia vimos: a peste está nas maõs dos homens, porque os homens sam os que encontram (nam fallo das tençoens, se nam dos effeitos) ou ao menos desajudam o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo, de Portugal; & por lhe nam fazer as diffiniçoens compridas, diffinîas asi. Pouca fee, & Muyta fee. Pouca fee, isto he, pouca fidelidade: Muyta feê, isto he, muyta confiança. Muito confiados, & pouco confidentes saõ em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos liure. Mâo he que tenhamos occasiam de dizer isto entre Portuguefes, mas pior fora se se nam estranhára. Cuido que o mostrarey de maneira, que ao menos, se naõ persuadir o remedio, hey de justificar o queixume. Que esteja apestado de pouca feé Portugal, o pouo o diz communmente, & cuyda que o proua; mas ainda que a authoridade do pouo he tam grande, que ella só bastou para canonizar a Sam Roque: julgue Deus os coraçoens de cada hum, que eu só das maõs quero fazer juizo. Argumento asi. He certo que nas Cortes passadas, se prometteram susbsidios para a guerra quantos fossem necessarios â conseruaçam do Reyno. Tambem he certo que se intentàram donatiuos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se accrescentou â moeda o cunho, & o preço; & com tudo vemos que he necessario repetir Cortes para arbitrar nouos modos de tirar dinheiro effectiuo, porque cada hum guarda o seu, & ha muy poucos que paguem o que lhes toca. Os muyto poderosos, por priuilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum tratta de lançar a carga aos hombros do outro, & tal ves câe no cham porque nam ha quem a sustente. He isto asi? ainda mal, Bem digo eu logo que ha pouca feè em Portugal. Feê

tam apertada de mãos, nam he verdadeyra feé.

Diz Christo no nosso Euangelho: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: Que tenhamos tochas accesas nas mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o lume da feé porque diz Christo que tenhamos nas mãos: *In manibus vestris*? Os actos da feé, no entendimento se produzem, no entendimento se recebem; pois se a feé està no entendiméto, como a poem Christo agora nas maõs: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*? Huma razam muy verdadeyra he, porque a feè practica que Christo aqui ensinaua, nam consiste tanto em verdades do entendimento, quanto em liberalidade das mãos. Nam he mais fiel quẽ melhor discorre, se nam quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a feè em figura de tochas; porque a tocha se està accesa; gástase, & se nam se gasta, està apagada. O quantas tochas, que pudéram luzir gloriosas, se vem desta occasiam apagadas miseraluemente! *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: Portuguezes; se a feè he tam ardente como deue ser, vejase luzir nas mãos. Apertarense as mãos, he final de frieza, & que nam arde fogo no coraçam. Amauam muyto os Magos, & criam verdadeyramente naquelle Rey que acclamâram em Ierusalem, & como sabios, vede a protestaçam que fizeram de sua feè. *Procidentes adorauerunt, & apertis thesauris, obtulerunt.* Postrados por terra adorâram, & abrindo seus thesouros offereceram. Sam Leam Papa. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur.* Na liberalidade com que dauam, protestaram a verdade com que criam; & porque ahi costuma estar o coraçam onde està o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus coraçoens. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur.* Se vissemos que entrauam os Magos em o presepio, & que vendo naquelle estado a seu Rey, he nam faziam seruiço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com muyta

Sic, S. Antoni de Padua sermon. in hoc Euãgel.

Matt. 2.

Leo serm. 3. de Epiphan.

muyta razam que não criam nelle verdadeiramente, & que aquellas cortezias foram enganosas, & aquellas adoraçoens fingidas. Adorar, & nam offerecer (quando o Principe està em necessidade) dobrar os juelhos, & nam abrir os thesouros, não he vicio de auareza, he crime de infidelidade. Feè, & liberalidade sam virtudes synonimas, & quem està duuidoso no dar, nam està firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo foy Ouro, Incenso, & Mirrha; E dizem todos os Padres, & com elles conformemente a Igreja, q̃ no ouro confessaram que era Rey: no insenso, que era Deus: na myrrha, que era homem. *Auro Regem, thure Deũ, myrrha mortalem.* O grande confirmaçam do que dizemos! De sorte que interpretaram os Magos a feê pella liberalidade, & para confessarem tres artigos, offereceram tres donatiuos. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalẽ.*

Vtruq́ Glossa.

Remib. Hilar. Ambr August Hier. Greg.

Pois se a feé se explica pella liberalidade, se o dar he synonomo de crer, se a obediencia dos Reys se protesta com ouro nas mãos. *Auro Regem*; como nam teme rey eu que ha rebates de peste, ou sospeitas da pouca feê em Portugal, quando a liberalidade se preuerteo em cubiça, & em vez de se pagarem tributos, pode ser que se multipliquem latrocinios? He bom genero de feê esta? Eu o direy. Perguntâram os ministros reaes a Sam Pedro se hauia seu mestre de pagar o tributo a Cesar, & respondendo que si, mandou Christo a Pedro que fossé pescar, que na boca do primeiro pexe acharia a moeda que se pedia. *Et da eis pro me, & te*: & pagai Pedro, por mi, & por vos. Notay. Christo era Senhor do mundo, Sam Pedro era principe da Igreja, & com tudo diz o Senhor, pagai por mi, & por vos, *da eis por me, & te*, porque os tributos dos Reys, principalmente em tempo de necessidades grandes, tambem os grandes, & senhores he bem que os paguem. Nos bens, & males communs ninguem he priuilegiado: sintam todos

Matt. 17.

 o mal

o mal que toca a todos. Mas nam era isto o que eu queria ponderar. O em que muyto reparo he em mandar a prouidencia de Christo, que Sam Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocaua por razam de officio ao Apostolo, que tinha o dinheiro; pois se Iudas era o thesoureiro ou procurador, se Iudas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque nam manda Christo pagar o tributo a Iudas? Direi o porque? porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo. Nam pagou o tributo Iudas, porque os Iudas nam pagam tributos. Vejase agora se ha sospeitas de pouca feè, se ha feridos de infidelidade em Portugal.

Glorioso Santo, esta he a primeira peste de que vos peço nos liureis este Reyno; & se nam fora por temor de alguma irregularidade, nam sey se vos pedira tambem que curasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias parte do preço, que deuia por todo aos peés dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada: mãdao vir diante de si Sam Pedro, julga o crime summariamente, notificalhe a sentença em tres palauras, & foram tam rigorosas, & executiuas, que no mesmo ponto com assombro, & tremor dos circunstantes cahio morto a seus peés Ananias. Tanto rigor em hum discipulo de Christo, na piedade de hum Apostolo, nas entranhas de hum Sam Pedro, & por huma culpa ao parecer nam tam pezada? Si, diz Santo Ambrosio, & dà a razam. *Tanta erat infectus auaritiæ pestilentia, vt Sanctus eum Petrus, non tam emendare voluit, quam damnare.* Deu sentença de morte repentina Sam Pedro a Ananias por defraudador somente do preço prometido; porque como estaua inficionado com a peste da auareza, & podia inficionar, & apestar a outros, teue por melhor tirarlhe a vida, que esperarlhe com perigo a emenda. Com este rigoroso remedio se curou ja alguma infideli-

Act. 5.

Ambr. serm. 13. de Sanctis.

delidade em Portugal,exemplo que he bem ande nas memorias sempre viuo; mas aos fielmente Portuguezes bâstenos o do glorioso S. Roque para que asi como elle deu estado,riquezas & quanto possuia pella patria do Ceo, demos nos tambem com apostada resoluçaõ quanto temos pella defensam da nossa. Ainda ha commendas, ainda ha rendas,ainda ha joyas,ainda ha coches,ainda ha galas, & regalos, & em quanto houuer sangue nas veas, hauera muyto que dar. Dese tudo pella patria,que nella fica, assi como deu S. Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo de S.Roque, por alto,nos desmaya, & ha olhos fracos, que cegam com tanta luz; abaxemos hum pouco a vista, & veremos retratada aos pès do Santo hũa acçam irracional, mas generosa,que quanto mais falta do vso da razam,estranha,& reprehende mais justamente as sem razoens da infidelidade humana. Todos os Authores antiguos fizeram a o cam symbolo da fidelidade,& quando esta nobreza não fora tam antigua naquelle animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para toda a sua specie. Estaua S. Roque no campo deitado ao pè de hũa aruore pobre, desconhecido, solitario, enfermo; & no meyo deste desamparo tinha hum cam que leuando todos os dias hũ pam na boca sem comer delle bocado, o sustentaua. Isto sy que he ser leal;isto si que he ser exemplo da verdadeira fidelidade.Chegar a tirar o paõ da boca para sustentar com elle a seu Senhor. Lastima he que carecesse tal generosidade de vzo de rezam, quando vemos tãtas almas racionaes tam mal empregadas em sojeitos de menos honrados procedimentos.

Pierius.

VII.

A Segunda peste(muyto me detiue na passada; serà esta a peste pequena) A segunda peste, diffinese, Muyta feê, ou muyta confiança, & deste mal està inficionada muyta gente, que se chamam os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cidades em

Portugal que sem estarem taõ longe de Castella, como Roma de Carthago, nem as diuidir hum mar, se não hum pequeno rio, & a algumas huma linha Mathematica; tam confiadas estam de si mesmas, q̃ por mais que sam mandadas fortificar, não se fortificam, hauendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os peitos de seus Cidadãos nam sam necessarias muralhas. Ha homens em Portugal que sem terem gastado os annos nas escholas de Flandes, nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais que os mandam ter armas, & exercitallas, tem por affronta, ou por ociosidade este exercicio; como se fora contra os foros da nobreza preuenir a defensam da patria, ou pudêram, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homens exercitados se chama exercito. He boa confiança esta com o inimigo á porta? He muy demaziada, & muy errada confiança. Desconfiar por temor, he couardia; mas desconfiar por cautella, he prudencia. Nam quero desconfiança que faça desmayar; desconfiança que faça preuenir, si. E este segundo modo de desconfiar he muy necessario, principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algumas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal preuenidos. A moderada desconfiança, nam he achaque, se nam esmalte da valentia. O valente dizem que ha de ser desconfiado. Ao menos hum soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissam soldado de fama, o qual sempre foy valente ao desconfiado; Sam Roque. O que pondero he que deixou Sam Roque hũa vez a patria, & despois se tornou para ella. Que deixasse a patria quẽ queria seguir a Christo, com seguro dictame obraua; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos como Sam Roque, mais occasiam tem de offender, que de seruir a Deos. Pois se deixa a patria, & foge della: porque a torna a buscar? Em huma, & outra resolução obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porque desconfiou de sua

sua virtude: à segunda vez tornou para a patria porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Santo entre valente, & desconfiado comsigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muytas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? nam ha outro se não fugir: alto, deixemos a patria. E despois de a ter deixado, como se tornára sobre si: fugir (diz Roque) he couardia: nam querer vir às maõs com o inimigo, he pouco valor. Pouco valor em hum soldado de Christo? Nam ha de ser asi: animo, voltemos outra vez para a patria; & asi o fez. Elias retratado. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deserto, & começa a chamar, & desafiar a morte. *Petiuit animæ suæ vt moreretur.* Tudo succedeo no mesmo dia Para ser mais achada a repugnancia. Se teme o Propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade, como no deserto a desafia? Sam desconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o temor, & a ouzadia: temeo, & ouzou Elias sempre desconfiado, para em huma, & outra acçam se mostrar valente. Tam longe está de valente o timido, como o temerario; & se em alguma parte està mais perigosa a conseruaçam, he na presunçam de segura. Nem aqui nos faltarâ o Euangelho.

1. Reg. 19.

Quer Christo que estejamos em vella, bem asi como o fazem os seruos diligentes, que esperam por seu Senhor. *Vt cum venerit, & pulsauerit.* (Aqui reparo) para que quando vier, & bater. Bater? Logo fechadas ham de estar às portas. Pois se se fazem tantas diligencias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas na cinta, se haõ de estar as tochas nas maõs, & essas ja accesas; porque não estaram tambem as portas abertas? Porque ensinaua Christo seus discipulos a ser vigilantes, & não bastam

para

para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas: se nam olhos abertos com portas fechadas. *Verum venerit, & pulsauerit.* Para que quando vierem de fora, achẽ em que bater primeiro. E se nam bastam olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas com olhos fechados? Por semelhante descuydo se perdeo Troya: *Panduntur portæ*: Eis ahi as portas abertas. *Inuadunt urbem somno, vinoque sepultam.* Eis ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a confiança com a cautella, & segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, fortificar, exercitar, trabalhar, que ainda que se tem trabalhado tanto, a empresa foy muito grande, & he necessario mais.

Virgil. Æneid. 2.

VIII.

E O que mais necessario he que tudo (atégora como a Portuguefes, agora como a Christãos) he que as negligencias de dentro nam desanimem, & descomponham as diligencias de fora. Quẽ me dera neste passo as forças, & o spirito, que nam tenho. He possiuel que quando estamos recebendo enchẽtes de beneficios da diuina misericordia, nam façamos senam prouocar com peccados a diuina justiça! que quando deuêramos andar humildes, & agradecidos a tantas mercês, armemos os fauores do Ceo contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deus com seus beneficios! que ainda se guarde pouca justiça! q̃ ainda se trate pouca verdade! que agora reynem mais as inuejas! que agora estejam mais em seu ponto as ambiçoens! que agora, porque Deos está por nós, nos ponhamos nós contra elle! he boa confiança esta? Grandes motiuos nos tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoens. *Et vos estote parati* (diz Christo por conclusam do Euangelho) *quia, qua hora non putatis, filius hominis veniet.* Estay preparados, & preuenidos, porque na hora em que menos o imaginais, vos pedirâm conta da vida. Muito he difficul

tar

tar Christo o remedio em hũa hora, a quem o póde ter num instante! Se hum instante basta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor com as breuidades de hũa hora? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opiniaõ gloriosa de sua misericordia infinita. Assi parece, não ha duuida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos offendendoo, he venerar hum attributo com injuria doutro, & presumillo tam misericordioso, que possa ser menos bom. *Absit vt ita aliquis interpretetur:* Deos nos liure de sermos tão màos interpretes de sua bondade (diz Tertuliano) *quasi ex redundantia clementiae caelestis, libidinem faciat humanae temeritatis*: que nos sirua de tentaçam a liberalidade diuina, & façamos custas a nossa temeridade com os exemplos continuos de suas misericordias.

Tertul. lib. de Pænit. cap. 7

Miseria he, & cegueira de entendimentos grande, que nos traga desuanecidos, & descuydados, o que nos deuera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se vay precipitando a tam conhecida ruina, nos damos nôs por seguros? O miseria! porque Castella se ve em estado, que jà naõ pòde resistir a seus inimigos, nos imaginamos vencedores dos nossos? O cegueira! Alègranos vammente o que nos deuêra confundir, o que nos deuêra assombrar, & enchenos de confianças, o que nos deuêra encher de temor. Nam fallo do temor que faz timidos, senam do temor que faz timoratos; naõ do temor q̃ faz temerosos dos homens, senam do temor que faz temente a Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado contra Castella, & a castiga tam rigurosamente? Nam ha duuida que por seus peccados, por suas maldades, por suas injustiças, por suas soberbas, por suas incontinencias, &c. boas testemunhas somos, como cõplices hum tẽpo dos mesmos dilictos. Pergunto mais. O Deos de Castella, he o mesmo o q̃ o de Portugal, ou outro? Esta per-

pergunta não tem reposta. Pois se o Deos he o mesmo; & em Castella castiga peccados; como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella tem a ruina em seus vicios; como auemos nós de ter a segurança nos nossos? Oh que bem apertou a força desta razão o Propheta Nahum, fallando com a cidade de Tyro. *Numquid melior es Alexandria populorum, quæ habitat in fluminibus, &c.* Por ventura, ò Tyro, sois vós melhor que a grande cidade de Alexãdria, cabeça de tantas Prouincias? Por ventura, ó Portugal, sois vós mayor, & mais populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abijt in transmigrationem*; & com tudo Alexandria, ó Tyro, foy destruida: & com tudo Hespanha, ó Portugal, vayse acabando. Pois se a Monarchia famosa das Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominaua facilmente o mundo, assi a castiga, & anihila Deos por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado Império, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza, se de suas proprias entranhas brotão as labaredas, com que se vay consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a nam defendem, se tantas frotas, & tantos milhoens a nam socorrem, se tantas oraçoens (que he mais) se tanto culto diuino, se tantas penitencias, & sacrificios nam bastam a ter mão no braço irado da diuina justiça: se tanto prouocão a Deos os peccados de Hespanha; porque não teme Portugal os seus; porque os não teme, & os nam chora? Não nos fiemos indiscretamente em milagres, & fauores do Ceo; porque engrandes misericordias ensaya Deos grandes castigos: & todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres, & prodigios liurou Deos ao pouo de Israel do catiueiro de Pharaó, em que estaua; & com tudo, de tantos mil que sahiram do Egypto, porque peccáram despois de tão gran de merce, só dous entrârão na terra de promissam. Libertou-os Deos por affligidos, & despois castigou os por ingratos. Fiquenos esta aduertencia, Christaõs, consideremos

Nah. 3.

bem

bem esta verdade, obremos pellos dictames deste desengano, para que saybamos o que principalmente deuemos temer, & sobre que bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, & seruir a Deos, & logo confiar animosamente.

E para que sejam efficazes estes remedios, Roque diuino, debaxo de vossa potecção & fauor esperamos os effeitos da virtude. Francez, & Portuguez sois glorioso Sancto; & em hum, & outro titulo estam bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos socorrerá que hum Francez, quando as florentes Lizes de França, com tam hermanada correspondencia, assistem ao lado das Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez, & mais verdadeiro, que aquelle, que nasceo com o habito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando que era caualleiro Frãcez por geraçam, mas Portuguez por nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encommendo, diuino Roque, pois tam duplicadas saõ as razoens com que confia em vosso fauor. Encommendouos esta Cidade, que com tanta deuaçam, & frequencia solēniza vossas sagradas memorias. Encommendouos esta Casa, que tam authorizada está com vosso patrocinio, & tam rica, & tam santificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias. Encommendouos; mas não vos encommendo, que não he necessario, a vossa real, & illustrissima Irmandade, em que vos seruiram os Reys, & vos serue a melhor nobreza; & particularmente, com o tam particular nella, vos encomendo, glorioso Santo, a quem hoje cō tam lembrada preuenção & com tam anticipada libeberalidade celebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedé que tenhais boas ausencias com quem as sabe ter tam pontuaes; & ainda que em distancia tanta, lâ chega tambem a jurdiçaõ milagrosa de vossos poderes, que a hostilidade de nossos mal reconciliados amigos, que ainda aly não cessa, peste foy daquelle estado, & peste do mundo. Deste mal tam perni-

niciofo nos ajuday a liurar, poderofo Sancto, aquella tão dilatada Prouincia, a mais rica, & mais preciofa joya defta Coroa; para que ou no defcanço de verdadeira paz, ou na fuperioridade de victoriofa guerra, fe luza a conhecida prudencia, & valor de quem vos ferue, & a gouerna & o fempre, & em toda a parte efficaz patroçinio de voffa fagrada interceffam, pella qual efperamos tambem, mediante a graça, a gloria.

Quam mihi, &c.

LAVS DEO.